

URBANIZAÇÃO, SEGREGAÇÃO SÓCIOESPACIAL E VIOLÊNCIA EM CURITIBA, PR, UMA ANÁLISE ENTRE 1988 - 2008

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende investigar como o crescimento urbano em Curitiba contribui para uma segregação sócioespacial na cidade, criando áreas de adensamento populacional elevado e sem condições mínimas de habitação e promovendo um aumento no fluxo de pessoas para habitarem as cidades da Região Metropolitana, criando cidades-dormitório e mantendo áreas vazias apenas para especulação imobiliária dentro do município principal.

Curitiba, como qualquer outra cidade de grande porte do País, apresenta números elevados de violência e criminalidade, fatores estes que pode estar aliado à migração em busca de novas e melhores oportunidades, e a cidade essas expectativas, porém não a realidade é diferente.

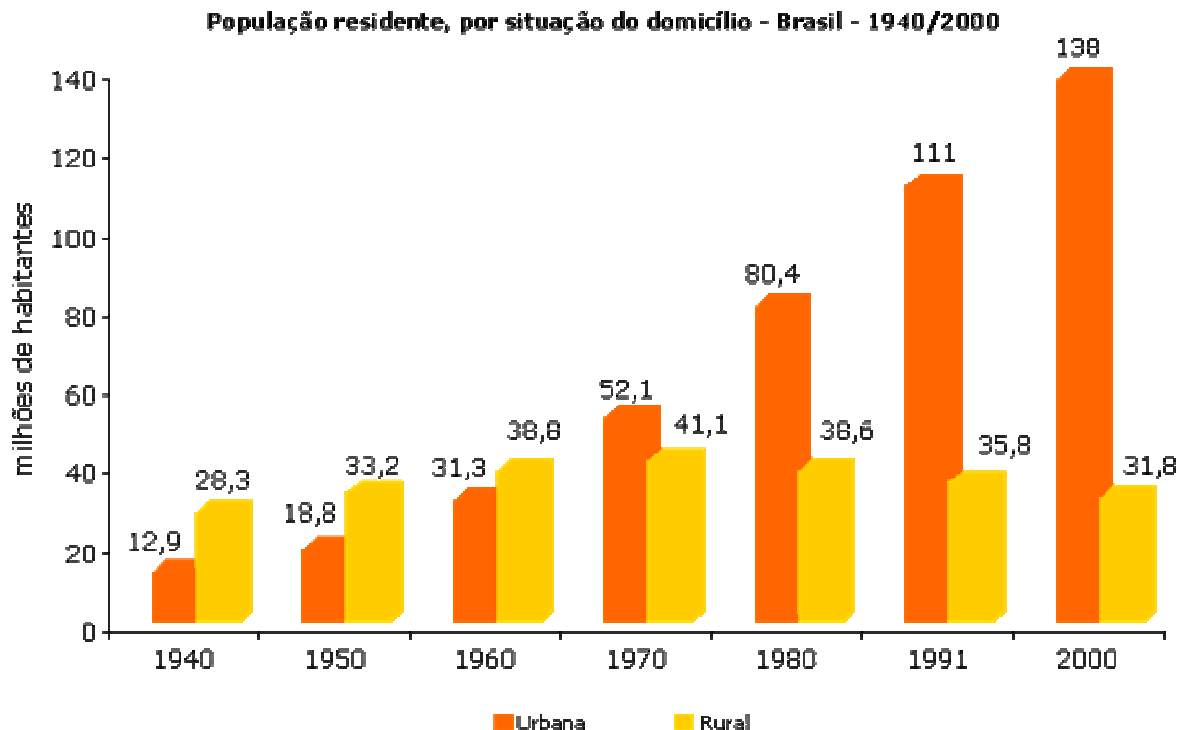
Esse fluxo populacional cada vez mais crescente para as grandes cidades proporciona uma falência dos serviços públicos em geral, aliado a cultura patrimonialista que existe no Estado Brasileiro e aos constantes casos de corrupção e desvio de verbas pública que deveriam proporcionar melhores serviços.

Os estudos sobre o processo do crescimento urbano em Curitiba não levam em consideração a variável da violência e da criminalidade. O processo de crescimento da cidade de Curitiba na última década dos anos 90 do Século XX trouxe a mostra que a região possui os mesmos problemas que todas as outras grandes cidades do País, mas a propaganda oficial procura manter a idéia de uma cidade planejada e com igualdade social. A violência urbana não é uma característica atual de nossas grandes cidades sendo apenas percebida de um novo formato suprido por uma sociedade cada vez mais balizada por instrumentos midiáticos.

MODIFICACOES DO CENARIO URBANO BRASILEIRO

O processo de evolução urbana no Brasil foi marcado por uma ruptura entre o modelo de produção agrário e o início da formação de uma indústria de base iniciada no pós 2ª Guerra Mundial (SANTOS, 1994), sendo que na década de 1970 do século XX apresentou uma mudança, registrando uma maior concentração populacional nas cidades (fig. 1), concentração esta que deixou a mostra toda às mazelas sociais imagináveis, em especial a enorme pobreza contrastada com a riqueza, sendo que esta situação é um fato comum em toda a América Latina e demais países em desenvolvimento.

Figura 1.



Segundo SINGER (1998, p. 63):

Os últimos dados censitários estão revelando que continua de forma intensa, a migração rural-urbana em quase todos os países da América Latina. As grandes tensões sociais, que se supunha existirem no campo, estão sendo aparentemente levadas pelos migrantes às cidades. A população urbana cresce aos saltos, os serviços urbanos, principalmente o da habitação, atendem cada vez mais precariamente as necessidades do público, e os sinais exteriores de miséria – mendicância, prostituição, comércio ambulante etc.- se

multiplicam. Tudo isso vem alimentar a controvérsia sobre a urbanização nos países não desenvolvidos, cujas características sociais nefastas ocasionam um pessimismo que vai adquirindo diferentes tonalidades ideológicas conforme as preferências do autor. Há os que atribuem os “males” da urbanização ao excessivo crescimento demográfico, à falta de reforma agrária, ao caráter demasiadamente avançado da tecnologia industrial e assim por diante.

Ainda no sentido de buscar um entendimento da evolução da rápida, desordenada e caótica da urbanização nas cidades brasileiras, Kowarick (1993), em uma análise sobre a vida urbana em São Paulo, nos chama a atenção para a falta de oportunidades na área rural do país, em especial da região nordeste, que sofre constantemente com a falta de água, deixando a mingua gerações e mais gerações de brasileiros, levando a migração para os grandes centros urbanos em busca de novas oportunidades. Levando em consideração que o trabalho de Kowarick ser de 1993, as mazelas já estavam expostas ao extremo, e na virada do Século, esses problemas ficam ainda mais evidentes com o aumento no grau de urbanização atingindo 90% na região Sudeste e ultrapassando os 80% nas regiões Sul e Centro-Oeste (fig. 2).

Ainda nesse estudo, o autor expõe a fragilidade das oportunidades que são oferecidas pela cidade aos novos moradores, que buscam ocupações de baixa qualificação ou sobrevivem de subempregos e da mendicância, levando a condições subumanas de sobrevivência.

Segundo Tabak (1979, p.68):

Existe um consenso generalizado de que o aumento do número de habitantes numa determinada área introduz modificações sensíveis nas relações que se estabelecem entre as pessoas e no próprio caráter da comunidade. Além disso, o aumento da densidade populacional reforça ainda mais o efeito anterior, pois contribui para diversificar as atividades desenvolvidas, o que torna as cidades mais complexas.

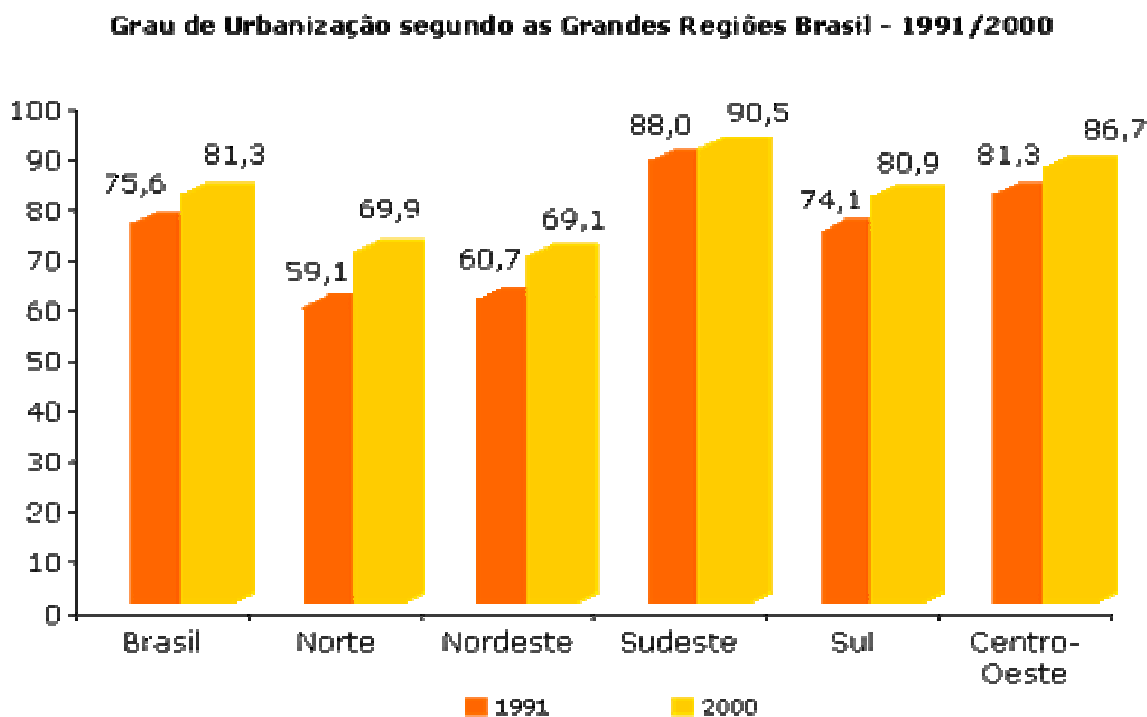
Nesse contexto entende-se que existe uma relação entre a falta de infraestrutura básica para atender o elevado número de migrantes e também a falta de perspectivas de encontrar uma ocupação em que se possa ganhar o suficiente para uma vida digna.

Para Maricato (2000):

A urbanização da sociedade brasileira tem contribuído, sem dúvida, a um caminho para a modernização, mas, ao mesmo tempo, vem contrariando aqueles que esperavam ver, nesse processo, a superação do Brasil arcaico, vinculado à hegemonia da economia agro-exportadora. O processo de urbanização recria o atraso a partir de novas formas, como contraponto à dinâmica de modernização.

Tabak (*Op. cit.* p.70) observa que nas cidades o individualismo e mais exacerbado aliado ao consumo de bens materiais, que alcança uma importância excessiva na vida de seus moradores contribuindo para o aumento de atitudes que levariam a fatos violentos e mesmo a atitudes criminosas.

Figura 2.



Fonte: Censo Demográfico, 2000, Características da População e dos Domrcílios, IBGE, 2001.

Decorrente desses processos de modificações das cidades brasileiras nos últimos anos do século XX, processos de urbanização acelerados e caóticos, a modificação nas relações de poder entre patrões e empregados, aumento do subemprego e do desemprego, políticas públicas de habitação precárias de grande parte da população nas cidades, encontramos um cenário de aumento nos

números de crimes, sejam os crimes contra o patrimônio e também aqueles crimes contra a vida.

O OUTRO LADO DO PLANEJAMENTO URBANO EM CURITIBA

A VIOLÊNCIA E A CRIMINALIDADE ALIMENTANDO A SEGREGAÇÃO SÓCIOESPACIAL EM CURITIBA

A imagem de cidade planejada de Curitiba e que exporta soluções para o mundo, deixa transparecer em suas ruas a falta de preocupação com a vida cotidiana. Preocupados em construir grandes obras, que fiquem como marcas pessoais de seus mandatos, as últimas gestões municipais não tem atentado para a vida cotidiana dos bairros periféricos e das favelas da cidade.

Desprovida de belezas naturais marcantes, Curitiba teve na construção de grandes obras, parques e praças a sua marca registrada, sendo dirigida por prefeitos que mais se preocuparam em proporcionar uma imagem de cidade, não tomaram conta da cidade como um local dinâmico e que caminha a passos largos com relação ao crescimento de sua população, que, não encontrando aqui uma oportunidade de sobrevivência digna, procura nos bairros mais distantes e desprovidos de infra-estrutura básica, nos fundos de vale o seu local de moradia, estando sujeito à própria sorte.

Alem dessas populações que habitam em áreas impróprias no município de Curitiba, temos aquelas populações que não podendo arcar com os custos de viver em um município como Curitiba, procuram a região metropolitana para ter acesso a uma moradia mais barata, mas continuam a trabalhar no município sede, ocasionando movimentos em busca de trabalho e utilizando essas cidades do entorno apenas como “municípios albergues”¹.

Com relação aos fatos descritos anteriormente, Leitão (2002) chama atenção para o fato de que o discurso sobre o planejamento urbano em Curitiba ultrapassou o limite das questões práticas, ou seja, a cidade é fruto muito mais do

¹ POLLI, Simone Aparecida. **Curitiba, Metrópole Corporativa**. Fronteiras da Desigualdade. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Digitado, Rio de Janeiro, 2006.

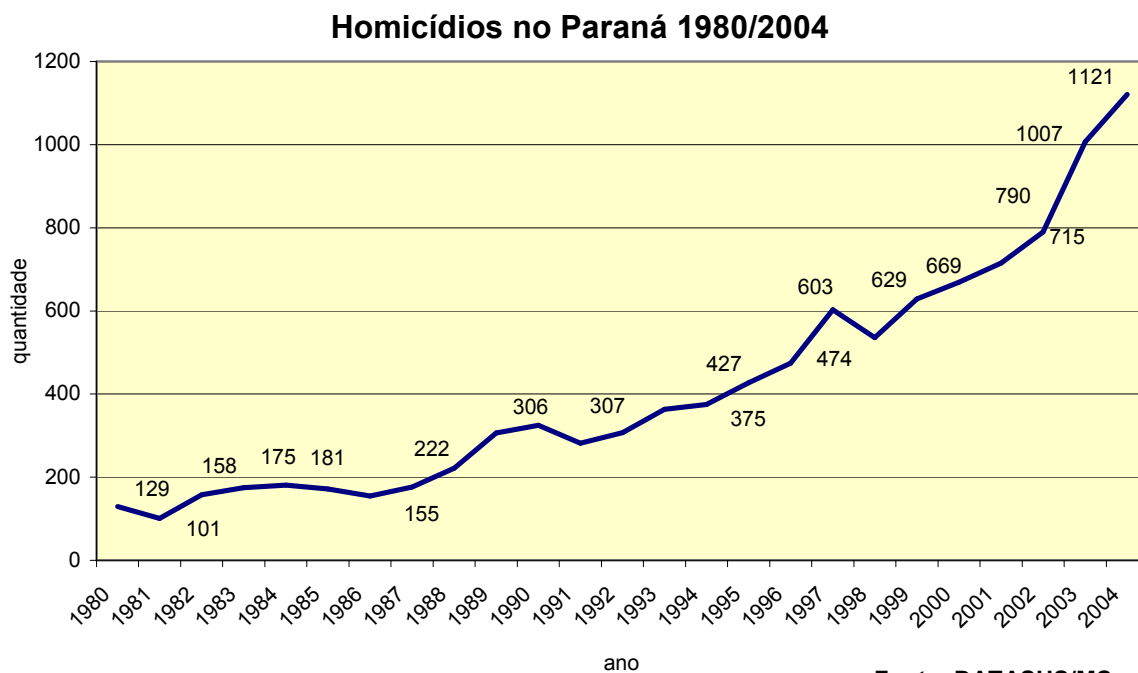
marketing das administrações municipais do que realmente ocorre no cotidiano da população.

Aliado a esses problemas de infra-estrutura para toda a população da capital do Estado do Paraná, o aparecimento da droga conhecida por “crack” no início dos anos de 1990 na região de Curitiba, alimentado ainda pelo tráfico internacional de armas na região de fronteira com o Paraguai e a Argentina², contribuíram para o aumento dos índices criminais, da violência e da sensação de insegurança na Capital e no Estado como um todo (figura 3 e 4).

Sendo que esses fatores influenciaram fortemente na formação de áreas segregadas, tendo como divisão os seus bairros, que possuem altos índices de violência e de criminalidade gerando segregação espacial e social.

² **As fronteiras do Estado do Paraná com a Argentina e o Paraguai e a Fronteira do Estado do Mato Grosso do Sul são consideradas como terra sem lei, por onde entram quantidades enormes de drogas, produtos piratas contrabandeados, armas de fogo e munições dos mais variados tipos, que abastecem quadrilhas em todo o Brasil. Com relação as drogas, alguns tipos são ainda enviadas para outros países.** Paraná está na rota do tráfico internacional de armas. **Gazeta do Povo, edição do dia 06/01/2009.** Chacina deixa 15 mortos em Guaíra (PR); polícia investiga disputa entre traficantes. **Folha de São Paulo, edição do dia 22/09/2008.** Região de chacina que deixou 15 mortos no PR virou rota de contrabando. **Folha de São Paulo, edição do dia 23/09/2008.** **Corredor do Tráfico:** Paraná lidera a apreensão de crack no país. No ano passado, 41% das 515 mil pedras recolhidas em rodovia do Brasil foram em território paranaense. **Gazeta do Povo, edição do dia 11/01/2009.**

Figura 3.



A segregação socioespacial consiste na divisão de grupos sociais no espaço urbano em razão das diferenças econômicas, do poder e do *status* (GARCIA E RIBEIRO, 2001).

Nesse contexto, Souza (2008) chama atenção para a idéia de uma “Geografia do Medo”, para demonstrar como a violência e a criminalidade aliadas à crescente sensação de insegurança contribuem para essa fragmentação dos espaços urbanos, criando possíveis territórios em que o poder público não tem como atuar de forma eficaz e de reduzir conflitos, e quando propõe a atuar de forma a impor uma “falsa ordem”, as ações acabam por gerar mais violência.

A cidade de Curitiba, em virtude dos aspectos do planejamento urbano discutidos anteriormente e mesmo de sua formação étnica proporciona um alto grau de segregação sócioespacial extremamente alto, ocasionando conflitos das mais variadas formas, inclusive na invisibilidade dos negros no discurso da cidade formada por diversos grupos étnicos, sendo os maiores aqueles de origem européia (MORAES, 1999). Em virtude desses aspectos, Curitiba tem apresentado

nos últimos anos uma elevação nos números de crimes, sendo que boa parte dessas atividades ilícitas está concentrada em determinados bairros da cidade.

Essa segregação em virtude dos aspectos geográficos tem levado a problemas como, por exemplo, a criação da imagem do jovem que assume a cultura *hip hop* como sendo propenso ao cometimento de alguma atividade criminosa, sendo até mesmo vigiados pelos aparatos do Estado e também privados³ (fig. 5).

Figura 5.



Shopping no bairro Portão em Curitiba, que não permitiu, por diversas vezes a entrada de jovens de grupos de *hip hop*, que é considerada como uma cultura marginal e vinculada à periferia das grandes cidades. (fonte: Ivonaldo Alexandre/Gazeta do Povo, edição do dia 05/06/2008).

Davis (1993, p. 207), discutindo a questão de como a arquitetura da cidade de *Los Angeles* contribui pra a segregação socioespacial, afirma que:

³ “O Ministério Público do Paraná (MP-PR) informou que abriu, na quarta-feira (4), um procedimento para apurar a atitude do Shopping Center Palladium, no bairro Portão, em Curitiba, de impedir a entrada de adolescentes. No dia 25 de maio, cerca de 150 jovens vestidos com roupas características do movimento hip-hop – calções e camisetas largas, bonés e piercings no rosto -fizeram uma manifestação na frente do shopping. Eles teriam sido proibidos de entrar no estabelecimento pelos seguranças. Uma semana depois, novamente os adolescentes foram impedidos de entrar.” **Gazeta do Povo, edição do dia 05/06/2008.**

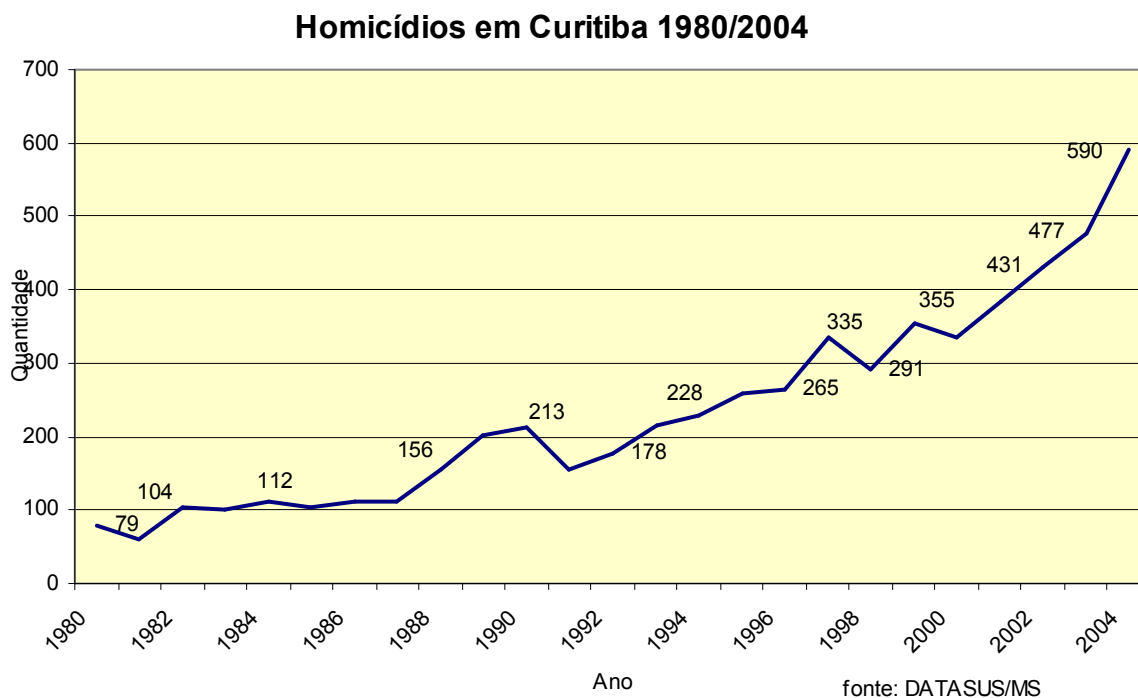
Os pseudos-espços públicos para consumidores ricos de nossos dias – suntuosos *shoppings*, centros de escritórios, acrópoles culturais, e assim sucessivamente – estão repletos de sinais invisíveis que impedem a entrada do “Outro” da subclasse. Embora os críticos da arquitetura não prestem em geral atenção a como um ambiente construído contribui para a segregação, os grupos de parias –sejam famílias pobres, jovens rapazes negros ou velhas senhoras brancas sem-teto – leem o sentido imediatamente.”

Tal como na cidade de *Los Angeles* como em Curitiba e usando o exemplo do *shopping Palladium*, temos a visão de que o urbanismo e a arquitetura atual buscam soluções para uma sensação de insegurança que muitas vezes não existe e o que é pior, essa sensação foi criada com a criação desses “pseudos-espços públicos” (DAVIS, *Op. cit.*), em que todos querem adentrar e circular, mas nem todos terão acesso, em virtude de suas origens ou costumes, sejam eles quais forem.

Partindo dessa idéia de que a cidade não aceita a livre circulação de todos de uma forma pacífica, delimitando comportamentos e atitudes e que não aceita uma ruptura com o modelo de uma “ordem pública”, tanto Davis (*Op.cit.*) como Souza (*Op. cit.*) chamam a atenção para uma militarização do espaço público, ou seja, utilizando um discurso de aumento da violência e do crime, o Estado e as classes mais favorecidas utilizam cada vez mais de instrumentos legais ou ilegais para controlar o espaço públicos nas cidades.

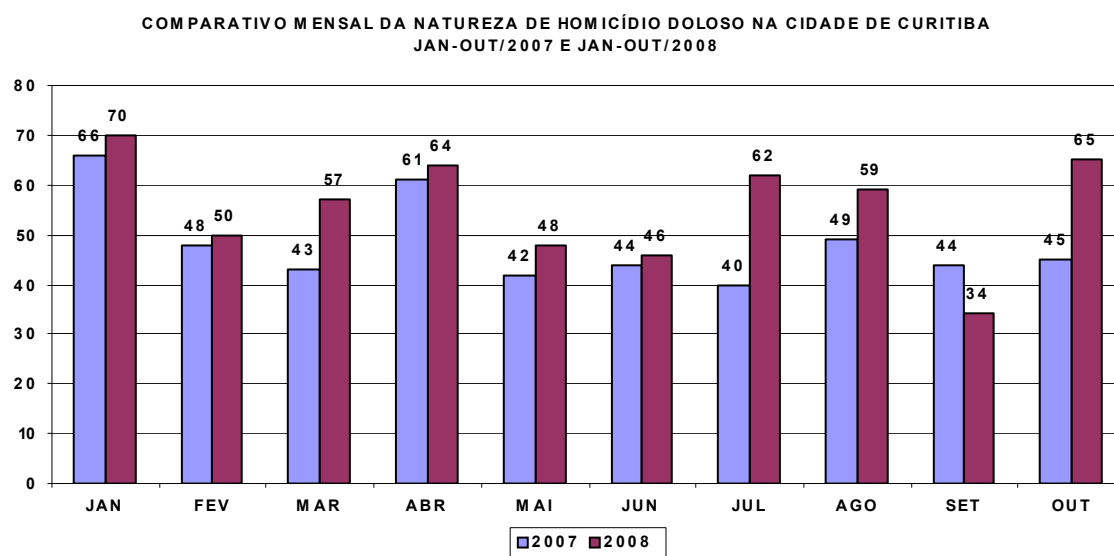
Na figura 4, observamos a evolução dos números referentes a homicídios na Cidade de Curitiba, através dos dados do Ministério da Saúde e que demonstram o aumento significativo desse tipo de violência contra a vida, cidade esta que apesar de ter no mesmo um crescimento populacional acentuado no mesmo período, não foi alvo de políticas publicas que pudessem reverter o quadro problemático com relação aos crimes contra a vida, que em tese, são os de maior repercussão e que causam maior comoção entre a população.

Figura 4.



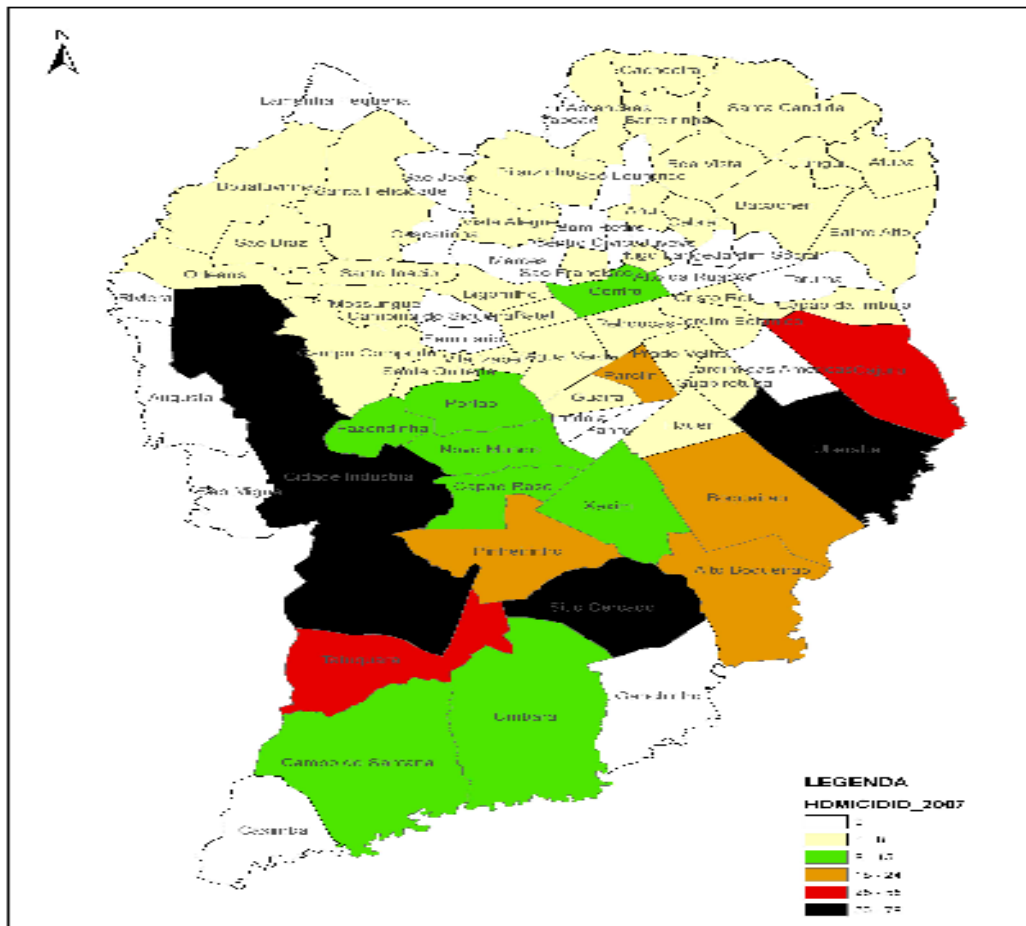
Essa situação de risco para a vida ainda não foi revertida e na figura 5 observamos que, através de números da Delegacia de Homicídios da Capital do Estado, os números continuam a subir, comparando os meses de Janeiro ate Outubro dos anos de 2007 e 2008, sendo que nas figuras 6 (homicídios por bairros em Curitiba, de Janeiro a Outubro de 2007) e 7 (homicídios por bairros em Curitiba, de Janeiro a Outubro de 2008), demonstra os bairros com maiores registros de crimes de homicídios, também comparativamente entre os meses de Janeiro a Outubro dos anos de 2007 e 2008, deixando bem claro que os bairros em que esses crimes acontecem, são justamente aqueles com maiores problemas com relação a investimentos públicos e que possuem maiores concentrações populacionais.

Figura 5.



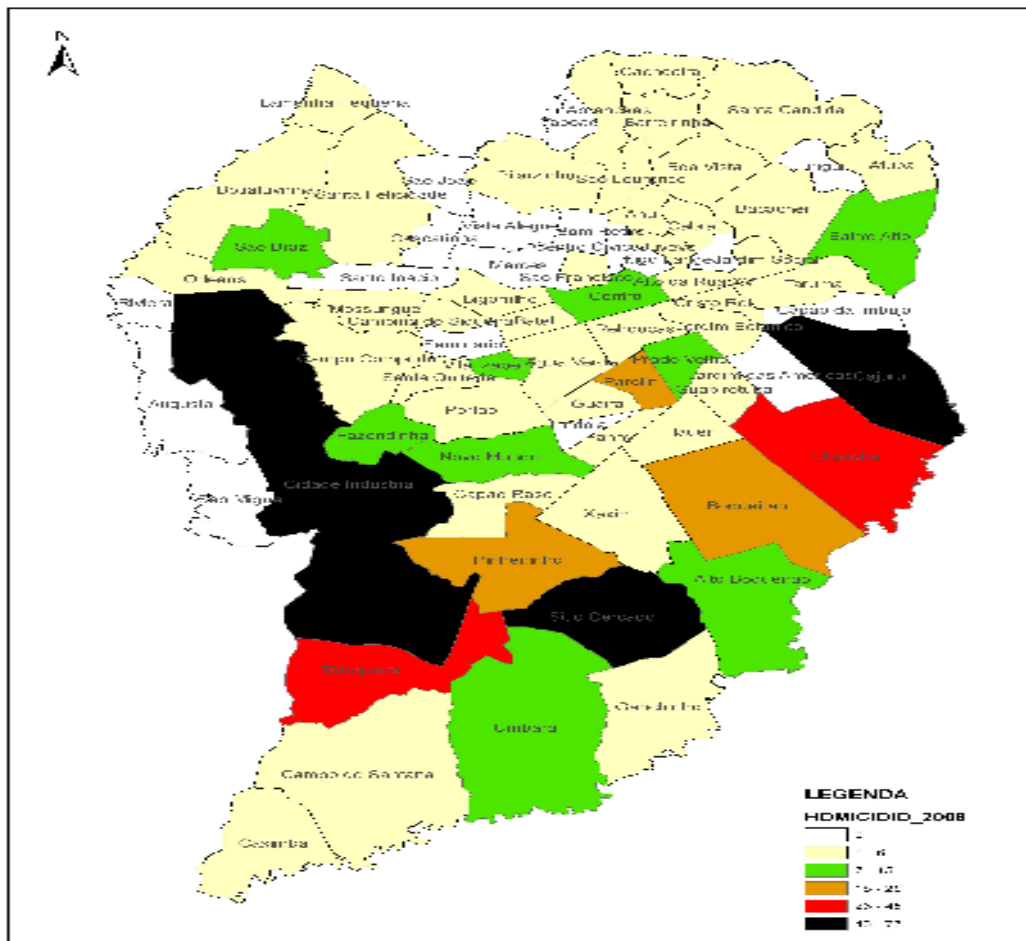
Fonte: Delegacia de Homicídios
da Polícia Civil do PR

Figura 6.



Fonte: Coordenadoria de Análise e Planejamento Estratégico, SESP/PR.

Figura 7.



Fonte: Coordenadoria de Análise e Planejamento Estratégico, SESP/PR.

CONSIDERACOES FINAIS

A guisa de uma conclusão, este trabalho pretende alimentar o debate sobre as questões sobre a evolução do processo de urbanização em Curitiba e as conseqüências, de certa forma negativa, em decorrência da criação de espaços segregados e que alimentam uma espiral de violência no espaço da cidade.

Tuan (2005) nos mostra que a evolução das cidades em toda a história da humanidade foi impregnada de violência e de criminalidade, porém mais em virtude da convivência das diversas classes sociais em um mesmo espaço urbano, fato este que não se verifica atualmente nas cidades do mundo como um todo,

sendo que a manutenção de populações em espaços marginalizados, com severas deficiências em infra-estrutura e em condições de vida, levando as classes medias a criar áreas específicas de circulação restrita e com forte vigilância privada.

Para Zirkl (2003), a manutenção do mesmo grupo político no poder por mais de 30 anos, levou as administrações municipais a atender grupos econômicos em uma clara política clientelista, com isso a cidade de Curitiba não conseguir unir aspectos de inovação urbana, que tiveram repercussão internacional, com a melhoria da qualidade de vida da população pobre e moradora da periferia.

A cidade de Curitiba possui problemas como qualquer grande cidade do Brasil porem o planejamento urbano em vez de contribuir para uma melhor distribuição da cidade para todos os cidadãos, facilitando a circulação e melhorando as relações pessoais, diminuindo com isso a sensação de insegurança que permeia por todo os espaços da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

DAVIS, Mike. **Cidade de Quartzo: Escavando o Futuro em Los Angeles**, Scritta Editorial, São Paulo, 1993.

KOWARIC, Lucio. **A Espoliacao Urbana**, Editora Paz e Terra, São Paulo, 1993.

LEITAO, Sylvia Ramos, **O discurso do planejamento urbano em Curitiba: um enigma entre a prática e a cidade real**, Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2002.

MARICATO, Ermínia. As Idéias Fora do Lugar e o Lugar Fora da Idéias: Planejamento Urbano no Brasil *in* ARANTES, Otilia *et all* (organizadores), **A Cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos**, Editora Vozes, Petrópolis, 2000.

MIRANDA-RIBEIRO, Adriana & GARCIA, Ricardo Alexandrino, **Segregação Socioespacial em Belo Horizonte: Uma Aplicação de Modelos Difusos**, versão on line:
http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Trab_Ribeiro_Garcia_Text.pdf

MORAES, Pedro Rodolfo Bode de. **Preconceito, Invisibilidade e Violência Racial em Curitiba**, Revista de Sociologia e Política, 13, Curitiba, 1999.

POLLI, Simone Aparecida. **Curitiba, Metrópole Corporativa: Fronteiras da Desigualdade**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRJ. Digitado, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**, Editora Hucitec, 3 Edição, São Paulo 1994.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**, Editora Contexto, São Paulo, 1998.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Fobopole: O Medo Generalizado e a Militarização da Questão Urbana**, Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2008.

TABAK, Fanny, Urbanização e Criminalidade *in* BENATHAR, Roberto Levy & BINSZTOK, Jacob (organizadores), **Regionalização e Urbanização**, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do Medo**, Editora da Unesp, Sao Paulo, 2005.

ZIRKL, Frank. **Desenvolvimento Urbano de Curitiba (Brasil): Cidade Modelo ou Uma Exceção?**, Actas Latino-americanas de Varsóvia, n° 26, Varsóvia, 2003.

OUTRAS FONTES

Delegacia de Homicídios de Curitiba, Polícia Civil do Paraná.

Folha de São Paulo, edições dos dia 22 e 23 de Setembro de 2009.

Gazeta Do Povo, edições dos dias 05 de Junho de 2008, 06 e 11 de Janeiro de 2009.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, www.ibge.gov.br.

Ministério da Saúde, Sistema de Informações sobre Mortalidade.

Secretaria de Segurança Pública do Paraná, Coordenadoria de Análise e Planejamento Estratégico – CAPE.